

MEMÓRIAS
DA
ACADEMIA DAS CIÊNCIAS
DE
LISBOA

CLASSE DE LETRAS

TOMO XLIII

**Elogio Histórico do Académico Luís Forjaz
Trigueiros**

JOÃO BIGOTTE CHORÃO



ACADEMIA DAS CIÊNCIAS
DE LISBOA

LISBOA • 2022

Elogio Histórico do Académico Luís Forjaz Trigueiros

JOÃO BIGOTTE CHORÃO

Não foi sem surpresa que, na década de 60, me sugeriram que fosse a Madrid entrevistar para a televisão o escritor romeno Vintila Horia. O director de programas da RTP, Carlos Miguel de Araújo, se encarregava de pedir ao seu homólogo espanhol, Adolfo Suárez (que viria a ser o grande protagonista da transição política do seu País), que disponibilizasse para o efeito um técnico de imagem e de som. O colaborador da nossa televisão, Manuel Varela e eu lá fomos ao encontro de Vintila Horia para a improvisada entrevista.

Esse escritor integrava a vasta família da diáspora romena e ganhara uma súbita celebridade quando lhe fora atribuído o famoso prémio Goncourt pelo seu romance *Dieu est né en exil*, logo traduzido em várias línguas, entre elas a portuguesa. Desagradara profundamente ao regime soviético da Roménia o livro e o prémio. Mobilizou então as suas represálias, sobretudo na embaixada em Paris, contra o escritor dissidente, com a cumplicidade – *horresco referens* – de intelectuais parisienses, que se prestam ao papel de inocentes úteis.

Aqui, em Lisboa, houve quem tomasse a defesa do escritor caluniado e perseguido, como um novo Ovídio caído em desgraça e condenado, depois do triunfo mundano, a sobreviver como um sem-abrigo longe da sua casa e da sua família.

A certa altura, Vintila Horia pediu-me notícias de Luís Forjaz Trigueiros, que lera o seu romance e fora solidário com o seu drama. Eu não conhecia ainda o escritor com quem viria a ter estreitas relações, mas lera artigos seus no *Diário Popular*, de que ele fora director (1946-1953), e sobretudo no *Diário de Notícias*, onde na página literária se desdobrava em crónicas e ensaios que, recuperados em volume, nada perdiam da sua actualidade e do seu interesse. O seu jornalismo era um jornalismo de ideias, acusavam vasta leitura e pendor reflexivo. Creio que não chegou a conhecer Horia nas duas ou três vezes que este veio a Portugal, a princípio quase anonimamente, depois a proferir conferências de largo auditório.

Luís Forjaz Trigueiros cedo se iniciara no jornalismo para subsistir, porque a morte do pai lhe fechara as portas do ensino superior. O filho herdou do pai, também jornalista, a vocação literária e formou-se, autodidacta, em casa de família e na leitura de autores integralistas e de autores católicos. Não tardaria a conhecer e admirar Raul Brandão e, fora de portas, François Mauriac, que escalpelizava os pecados da burguesia, numa linguagem de sóbria elegância.

Quis o acaso, se assim posso dizer, que, escrevendo em jornais e revelando dotes críticos, chamasse a atenção do Dr. Nuno Simões, grande figura da política, da economia e do intercâmbio luso-brasileiro, tanto na área económica como na área cultural. Amigo de escritores brasileiros, não foram poucos os que lhe ofereciam livros seus, com expressivas dedicatórias. As múltiplas actividades e responsabilidades do Dr. Nuno Simões não lhe permitiam colaborar assiduamente na imprensa – ele que fundara o seu próprio jornal, *A Pátria*. O homem orteguiamente condicionado pela sua circunstância não podia escrever sobre livros que ia recebendo do Brasil. Lembrou-se então do jovem Luís Forjaz Trigueiros, a quem pediu que se ocupasse de autores brasileiros que ele não tinha tempo para apresentar ao público português. Foi assim, por obra e graça do Dr. Nuno Simões, que Luís Forjaz Trigueiros veio a afirmar-se como escritor luso-brasileiro. Depois das literaturas de língua portuguesa, seria na literatura francesa que Luís Forjaz Trigueiros viria a tornar-se um *expert*. Com 20 anos apenas, pôde ele, por indicação de António Ferro, acompanhar alguns dos autores franceses que integravam a notável embaixada intelectual que o dinâmico director do Secretariado da Informação trouxe a Portugal em 1935. Duhamel, Romain, Maritain foram acompanhados por Luís Forjaz Trigueiros. Sobre essa visita e de um desses visitantes escreveu uma crónica admirável: “Maritain na manhã das Almas” (*in Um Jardim em Londres*). Logo no ano seguinte, 1936, ao livro de contos *Caminhos sem luz* é atribuído o Prémio Fialho de Almeida – um galardão que consagrava uma obra ainda no início, ao reconhecer uma promissora estreia que estimulava o autor a percorrer um caminho tão auspiciosamente iniciado. O livro de Luís Forjaz Trigueiros é apresentado por Virgínia de Castro e Almeida, que antecipava o juízo favorável do júri.

Com o quantitativo do prémio pôde Luís Forjaz Trigueiros concretizar o sonho habitual dos literatos daquele tempo: visitar Paris, conhecer, eventualmente, algum escritor de nomeada. Com o apoio de Virgínia de Castro e Almeida,

que vivia em Paris e conhecia o *milieu*, pôde Luís Forjaz Trigueiros prolongar os seus dias parisienses e, sobretudo, entrevistar escritores do seu apreço.

Publicou em 1939 o livro de entrevistas e de comentários a que deu o título de *Capital do Espírito*. Sobre a cidade-luz e sobre a Europa pairavam já nuvens ameaçadoras que punham em causa valores tradicionais do Ocidente. Materialismo e imperialismo desafiavam o milenar humanismo cristão e latino dos países ocidentais – Itália, França, Espanha, Portugal. A sensibilidade de Luís Forjaz Trigueiros, homem de convicções mas avesso a radicalismos, revia-se na inteligência ou na política do espírito de Paul Valéry e no debate de ideias de Gabriel Marcel, no que ele chamou “o homem problemático” que contradizia o dogmatismo dos homens desumanizados e a inquietação pela inquietação.

O que seria um bom livro de entrevistas a gente de maior ou menor fama, um jornalismo no melhor sentido da palavra, adquire com a extensa, meditada e por vezes polémica “Introdução” a estatuto de um verdadeiro e próprio ensaio sobre o conflito entre a “civilização” e a “barbárie”. Na sua condição de português, Luís Forjaz Trigueiros proclama também a sua latinidade, hoje em declínio pela hegemonia anglo-saxónica, com a universalidade de uma língua e de uma terminologia de cariz tecnológico e economicista.

Formado na leitura de autores franceses – entre eles o seu predilecto Mauriac, que veio a traduzir –, admirava nele um estilo e uma intervenção cívica e ética. Poucos ficcionistas praticaram um jornalismo tão militante e de tal qualidade. E é a ele que deve a perenidade do seu nome.

O senso do equilíbrio é que seduziu Luís Forjaz Trigueiros, não obstante a sua confessada admiração por Raul Brandão e o seu agónico mundo de sombras e por Fialho de Almeida, que se debatia na indiferença e no silêncio dos que não respondiam às suas “pasquinadas”. O seu era pois um “prélio solitário”, como admiravelmente o definiu Luís Forjaz Trigueiros, escritor que diríamos mais da família queiroziana que camiliana. Escritores desabusados, cínicos, de prosa muito criativamente opulenta – cite-se como exemplo o Céline da descida aos infernos –, esses escritores não figuravam no seu panteão. Não é pois sem surpresa que lemos uma página favorável de Luís Forjaz Trigueiros sobre o visionário e apocalíptico Léon Bloy, quase ignorado entre nós, talvez porque ofensivo dos nossos famigerados “brandos costumes”. Ao invés, no Brasil, sempre o escritor vulcânico obteve o beneplácito de Octávio de Faria, de Lúcio Cardoso, de

Tristão de Athayde, de Gustavo Corção, para citar apenas nomes de primeira ordem.

Há um velho texto de Luís Forjaz Trigueiros que de resto não consegui ler – *A literatura e a dor*, provavelmente publicado em 1936 – que nos remete para Léon Bloy, vítima de sofrimentos tão indizíveis que um dos seus melhores exegetas, Albert Béguin, lhe chamou um “*mystique de la douleur*”. Não escreveu ele, por exemplo, que “sofrer passa, mas ter sofrido não passa nunca”? Temperamento excessivo, não conhecia o meio termo e nunca subscreveria que *in medio virtus*. No seu cristianismo radical não tolerava instituições, o clericalismo, não contemporizava com o século nem com o Vaticano. Era-lhe estranha e até hostil a isso que designamos por “civilização cristã”. Descomedidos eram aqueles a quem se rendia – apóstolos e profetas.

Um escritor assim está nos antípodas de Luís Forjaz Trigueiros, com o seu senso da medida. Mas lá vem um dia, um lugar, um nome que revela secretas afinidades e inspira páginas inesperadas, como na impressionante crónica final de *Monólogo em Éfeso* (1972). Não me sendo possível transcrever toda essa crónica, limitar-me-ei às linhas finais: “Aqui, eis que tudo se dissolveu, tudo se esquece por instantes, e Éfeso nos lembra que nada é novo e nada é vão e que do templo ao bordel, onde houver um homem que acredite, há sempre um lugar para a esperança.”

Ao amigo empenho de Luís Forjaz Trigueiros, secretário-geral da Academia desde 1981, devo a proposta para a minha admissão como sócio correspondente da 1.ª Secção da Classe de Letras (Literatura e Estudos Literários), proposta que foi votada em 23 de Julho de 1992, tendo passado a sócio efectivo a 18 de Abril de 1997. Quis a fortuna que me tivesse cabido a honra de suceder a Luís Forjaz Trigueiros. Mais tarde do que desejaria, cumpro agora a disposição estatutária de fazer o elogio do meu ilustre antecessor, a quem me ligavam laços de profunda amizade e fundada admiração pela sua obra literária, que tenho lido e relido com renovado gosto e proveito. Acrescentarei, não sem pedir vénia, que afinidades no entendimento da literatura me aproximam do meu antecessor: um diálogo com os autores a partir da leitura dos seus textos, com o propósito de compreender mais do que de julgar. Ou, para lembrar o crítico italiano Carlo Bo, vendo “a literatura como vida”. Ou, por outras palavras, lendo as obras numa perspectiva humanista. “Homem de letras, por sua ampla curiosidade livresca, por sua

permanente atenção às formas, Luís Forjaz Trigueiros – pude um dia escrever – vai além da literatura: lendo ou viajando, não faz turismo intelectual, ou turismo *tout court*, porque o seu interesse, diremos até a sua paixão, é a condição humana e nela o que a transcende e porventura redime”.

O meu ingresso na Academia deu-se na presidência do Prof. J. V. Pina Martins, reputado mestre do Humanismo renascentista. Seja-me permitido lembrar que, vivendo em Coimbra na mesma avenida em que Pina Martins tinha o seu quarto de estudante, o via com frequência passar envergando a sua capa e batina, e sobraçando sempre livros. O adolescente que eu era *in illo tempore* admirava a compostura daquele escolar que dir-se-ia já um professor. Mais tarde li artigos seus na revista *Estudos* do CADC, onde eu me veria impresso pela primeira vez. Tudo isto me acudiu à memória quando recebi o ofício assinado pelo Prof. Pina Martins e lhe agradei as palavras gentis – adjectivo muito da sua predilecção – que me endereçou nessas e noutras circunstâncias.

Eleito sócio correspondente em 1962, Luís Forjaz Trigueiros passou a efectivo em 1969. Distinguiu-se pelo fino trato, que correspondia perfeitamente ao que se chama “perfil académico”, pela assiduidade e empenho nos trabalhos académicos, nas comunicações que apresentou à Classe de Letras, pelas fundadas propostas que redigiu para a admissão de novos sócios tanto nacionais como estrangeiros. Viu reconhecidos os seus méritos, que naturalmente justificaram a sua eleição para secretário-geral da Academia. O seu antecessor na Classe foi D. Manuel Trindade Salgueiro, antigo arcebispo de Évora que se notabilizou pelo verbo eloquente na oratória sagrada e panegirista. Publicara, além disso, livros de teologia, filosofia e pedagogia, que o acreditavam no pensamento católico.

Coube a Jacinto do Prado Coelho saudar o novo académico Luís Forjaz Trigueiros e traçar o seu perfil literário. Por feliz coincidência, havia entre um e outro notórias afinidades literárias. Várias vezes foi dada ao Prof. Prado Coelho ocasião de exprimir o seu apreço pela obra de Forjaz Trigueiros: “Ensaísta e crítico literário radicado numa vocação inelutável de humanista que o leva a reparar muito mais nos significados que nos significantes e a vincular a criação literária a uma tábua de valores humanos.”

Vozes autorizadas sempre valorizaram o ensaio, a crónica e a crítica de um autor que cultivou também a ficção que não terá merecido a mesma atenção,

embora alguns contos seus figurem em antologias nacionais e estrangeiras. Lisboaeta de nascimento, muito se vangloriava dessa condição, e à sua cidade dedicou páginas de aguda observação, não sem uma nota irónica ou desencantada quando um urbanismo improvisado e irresponsável desfigurava o que se impunha preservar. Apesar dos desacertos e abusos, deu a um álbum da sua autoria o título de *É fácil amar Lisboa*. Este escritor preferentemente urbano fez da sua cidade e da sociedade lisboeta “personagens” da sua ficção. Com espírito crítico, nela castiga aventuras banais, gente mesquinha, pequenas misérias e ridículas vaidades, cafés da preguiça como diria Mário de Sá-Carneiro, a vida parada num dia-a-dia sem esperança.

O amor de Luís Forjaz Trigueiros pela *sua* Lisboa não foi porém um amor exclusivo. Teve olhos e sensibilidade para contemplar e valorizar outras terras. Ali estão as “páginas minhotas” dos *Campos Elísios*, que depois integrou no volume *Paisagens portuguesas*. Esse belo livro de geografia literária teve em 1985 uma edição brasileira, dois anos depois reeditada. Em Portugal essa “viagem literária” veio a realizar-se em 1993 com a chancela de Guimarães Editores.

Nem sempre o viajante se depara com lugares amenos em que solares e conventos mostram o abandono, o desmazelo, as ruínas implacáveis do tempo. Certas casas a que estão associadas personalidades que sobrevivem ao anonimato e ao esquecimento vão-se mantendo de pé, graças a periódicas intervenções. De visita a S. Miguel de Seide, em 1949, Luís Forjaz Trigueiros não escondeu o desgosto que lhe causa a histórica mansão camiliana. Não porque o fantasma de Camilo o incomode, mas por causa de algumas soluções quanto ao seu interior. A verdade é que, passado tanto tempo, a casa oferece hoje outro aspecto, com as beneficiações em que se tem empenhado o município de que depende. Curiosamente, a impressão negativa de Luís Forjaz Trigueiros não é muito diferente da de Vitorino Nemésio quando visitou a casa-museu em data ulterior (1966). Escreve ele em *Viagens ao pé da porta*: “Tão triste, tão assombrada sempre, tão contrária ao melhor, ao verdadeiramente grande Camilo, para só perpetuar-lhe, por assim dizer, a sombra da desgraça.” A sombra lá continua, mas não o descuido a que já esteve entregue a mítica casa-amarela.

Ainda no domínio e no gosto da paisagem, não podemos omitir a colecção que dirigiu, *Antologia da Terra Portuguesa*, em que o volume dedicado ao Minho (sempre “os campos elísios”!) é da sua responsabilidade.

No domínio da ficção, a que a crítica terá atendido menos e em que o próprio autor mostrou alguma perplexidade, só irregularmente tirava da gaveta contos que, no entanto ia escrevendo (alguns terão ficado no seu espólio). Depois da estreia em 1936 com *Caminho sem luz*, em 1942 vem a lume *Ainda há estrelas no Céu*, título de certo modo antitético ao anterior, em 1974 o várias vezes anunciado *Carro de Ferro*, livro que direi “clandestino” porque não chegou às livrarias. Naquele turbulento ano de 1974, a nova censura exercia-se impudicamente. E se ela não poupava livros, também autores eram “saneados”, para lembrar terminologia revolucionariamente cunhada. Os contos de Luís Forjaz Trigueiros em nada desmereciam, de modo nenhum, do ensaio, da crítica, da crónica em que ele foi autor de referência.

Sobre a crónica justifica-se um apontamento para a distinguir do artigo habitual na imprensa do noticiário e do *fait-divers*, por isso de vida precária. A crónica é a superior expressão do jornalismo, pelo apuro literário e a meditação de um “pequeno filósofo”, como a si mesmo se qualificava Azorín. Mestres da crónica são os brasileiros, alguns dos quais nem precisariam de outros géneros para figurarem na história literária do Brasil. Machado de Assis é também um cronista de alto coturno. E não menos outros como Rubem Braga, Rachel de Queiroz, Otto Lara Resende. A prosa é límpida, quase diáfana e quase poesia, um como diálogo com o leitor.

Das comunicações apresentadas à Academia por Luís Forjaz Trigueiros citamos a que fez, em 1988, na recepção de Fernando Namora e a de David Mourão-Ferreira em 1991. De Namora foi coevo e atento e seguro leitor. De David, separado pela idade, um amigo por assim dizer fraterno, companheiro de inesquecíveis viagens por uma Europa a que ainda não fora imposta uma união, mas salvaguardava a sua diversidade cultural. E em David admirava a lucidez crítica e uma poesia aberta à Música e ao Amor, e pouco dada a um hermetismo deliberado.

No centenário de Afonso Lopes Vieira, participou (1978) na sessão de homenagem promovida pela Academia ao poeta de campanhas lusitanas, vicentinas e camonianas. A um luso-brasileiro como Luís Forjaz Trigueiros coube saudar, ambos em 1982, os escritores Josué Montello e Jorge Amado, seus indefectíveis amigos. Além destes discursos de recepção de novos académicos, Luís Forjaz Trigueiros traçou (1978) “uma perspectiva da vida cultural brasileira”, síntese e itinerário de manifesto interesse para o não especialista.

A sua francofonia assinalou “os 300 anos da Academia Francesa” em 1986. Celebrando a efeméride da famosa instituição, refere as relações culturais franco-portuguesas, que já conheceram melhores dias. Enumera alguns lusitanistas franceses, em geral universitários que participaram em colóquios e fizeram conferências ou deram lições sobre autores e temas nossos. Estudiosos e autores franceses foram eleitos sócios correspondentes da nossa Academia. Não havendo porém um regime de reciprocidade na Académie Française, não há sócios portugueses nem de outras nacionalidades *sous la Coupole*.

Poucos escritores franceses, mesmo aqueles que eram entre nós muito lidos, foram eleitos para a Casa de Lafões. Surpreende assim que o nome de Valery Larbaud não tenha, cremos nós, sido lembrado para ingressar na Academia – ele que visitou e escreveu sobre Portugal e promoveu a tradução de Eça (*A Relíquia*), que prefaciou e foi amigo de escritores portugueses, António Ferro, Osório de Oliveira, Vitorino Nemésio, entre outros. Imobilizado nos últimos anos o grande viajante, tornou-se inviável transferir Larbaud da sua poltrona de inválido para uma cadeira académica.

E que dizer de Saint-Exupéry, que passou por Lisboa no ano da histórica Exposição do Mundo Português, “a mais deslumbrante exposição que já houve no Mundo”, como disse em carta a um amigo, carta que adquiriu as dimensões de um pequeno livro, *Lettre à un otage*. Lisboa resplendecia de luzes quando a Europa já estava mergulhada na sombra do *black-out*, exibia o orgulho do seu passado e no momento era uma Nação capaz de erigir uma exposição como aquela. Mas ao fino espírito de Saint-Exupéry não escapava, por contraste, a tristeza por detrás da festa e do triunfalismo. Lisboa e o Estoril eram afinal um “Paraíso triste” onde europeus fugidos à guerra se autodestruíam até ao último cêntimo no jogo...

Por iniciativa do confrade Luís Forjaz Trigueiros, a Academia franqueou as suas portas aos escritores franceses Michel Déon e Robert Bréchon. Fecundo romancista e memorialista, Déon é o derradeiro sobrevivente da geração dos “Hussardos” – um grupo de escritores (Roger Nimier, Antoine Blondin, Jacques Laurent) que, em oposição à literatura *engagée*, defendia a liberdade de espírito e um estilo de escrita. Quanto a Robert Bréchon, pessoano dos mais lúcidos, autor de *Estranho Estrangeiro*, uma biografia rigorosa e uma subtil exegese da obra do nosso múltiplo poeta. Quem não se sentia estrangeiro entre nós nem à literatura

portuguesa e a Lisboa era Bréchon. Em Lisboa, vista de longe e de perto, ora se perdia ora se encontrava. Como Pessoa.

Num breve texto de 1977, intitulado “Manhã” e incluído em *Paisagens Portuguesas* no capítulo das páginas lisboetas, o nosso confrade Trigueiros debate-se no dilema de continuar no Brasil ou de regressar a Portugal, “dividido – como escreve – entre a saudade do chão natal e a saudade da terra adoptiva”. Tão preso aos dois, vai adiando a decisão impreterível.

Com 60 anos e sem meios de vida que lhe foram arbitrariamente cortados, valeu-lhe nessa circunstância Carlos Lacerda, temível jornalista político, grande tribuno e homem de acção. Naquela época turbulenta Lacerda veio a Portugal e procurou Trigueiros, convidando-o a ir ao Brasil para participar num ciclo de conferências. Luís Forjaz Trigueiros aceitou emocionado o convite, mas o que o esperava no Rio de Janeiro era outra e mais segura proposta: colaborar na Editora Nova Fronteira, do indomável dinamismo de Carlos Lacerda. Director literário, o nosso confrade encontrou um ofício à sua medida que lhe permitiu conviver com escritores que já eram seus amigos ou pôde contactar outros que só literariamente conhecia.

Pensando no percurso brasileiro de Luís Forjaz Trigueiros, não posso deixar de fazer um paralelo com um escritor do seu particular apreço – Carlos Malheiro Dias. Também ele foi obrigado a refazer a sua vida no Brasil, onde o seu talento, as suas relações culturais, a sua eloquência, a sua acção jornalística o elevaram a figura grada da colónia portuguesa. Membro da Academia de Ciências de Lisboa e da Academia Brasileira de Letras, ocupou a vaga aberta pela morte de Eça de Queiroz. Ambos escritores luso-brasileiros, membros das duas Academias, conheceram um desconsolado crepúsculo, que no caso de Malheiro Dias antecipou a velhice e a impossibilidade de continuar a escrever. Não admira assim que, com a admiração intelectual, Luís Forjaz Trigueiros se tenha identificado com o drama humano de Carlos Malheiro Dias. No seu centenário (1975) evocou-o na Academia Brasileira de Letras, vendo nele paradoxalmente “personagem de si próprio, protagonista do romance interior que não escreveu”. Pôde escrever porém grandes painéis históricos.

Numa edição fora do mercado publicou (1981) Luís Forjaz Trigueiros os textos que, entre 1975 e 1978 leu na Academia Brasileira de Letras, onde além da

evocação de Carlos Malheiro Dias e do Dr. Nuno Simões, saudou Joaquim Paço d' Arcos e Josué Montello, associando-se ao luto pela morte súbita de Carlos Lacerda.

Se tivesse condições para isso, muito desejável seria que a Academia editasse com a sua chancela essas quase ignoradas páginas “brasileiras” e as que vieram tempestivamente a lume nas *Memórias* da Classe de Letras (bons tempos!) e de que se tiraram separatas. Seria uma adequada homenagem à memória do académico (sócio emérito em 1998) que se notabilizou também como ensaísta, crítico literário e cronista. E porque não um *in memoriam* que reunisse estudos e testemunhos sobre a obra e o homem? Não faltaria ali o que de melhor escreveram não só portugueses e brasileiros como franceses.

Ao contrário de Carlos Malheiro Dias, o nosso confrade Luís Forjaz Trigueiros viveu uma longa e operosa vida de 85 anos (faleceu em 2000). O desgaste de muitos trabalhos e sobretudo o grande trauma da morte súbita de sua mulher, Maria Helena, tão distinta como inteligente e culta, fragilizaram-no irreparavelmente. Dificilmente se reconhecia o grande conversador e o grande leitor, com a evocação de muitos encontros, todo o inesgotável repositório de eventos, de figuras, de vida vivida, que davam matéria para memórias que não escreveu. Páginas memorialísticas as dispersou por muitos jornais e revistas, e porque as não recolheu em volume são para nós como inéditas.

(ELOGIO HISTÓRICO APRESENTADO À CLASSE DE LETRAS
NA SESSÃO DE 30 DE OUTUBRO DE 2014)

Saudação do Académico João Bigotte Chorão

ARTUR ANSELMO

Poucas vezes a nossa Academia terá acolhido no seu seio uma personalidade tão forte e tão sedutoramente académica como a de João Bigotte Chorão. O novo titular da cadeira n.º 19 da Classe de Letras, a que pertenceram Alexandre Herculano, Andrade Corvo, Pinheiro Chagas, Lopes de Mendonça, Eugénio de Castro, António Correia de Oliveira e, já em nossos dias, D. Manuel Trindade Salgueiro e Luís Forjaz Trigueiros, tem, de facto, todos os traços do académico por excelência: cultura sólida, integridade de carácter, finura no trato, capacidade para conviver com a diferença, humildade na defesa do que considera ser justo, verdadeiro e oportuno, consciência, enfim, de que ser académico não se coaduna com o entrar em controvérsias estereis mas, antes, com o trabalhar afincadamente para o prestígio da Academia, cumprindo e fazendo cumprir a sua *magna charta* estatutária.

Curiosamente, salvo talvez no caso de Herculano – que a si mesmo se considerava “o homem menos cumprimentado de Portugal” –, quase todos os antecessores de João Bigotte Chorão na cadeira n.º 19 partilharam as características do seu perfil académico, com relevo para o antecessor imediato, Luís Forjaz Trigueiros. Aliás, não são apenas as afinidades espirituais a aproximar um e outro, mas também a eleição, que ambos fizeram, da paisagem como “estado de espírito”, expressão de um mestre comum (Amiel) aplicada a Portugal, ao Brasil, à Espanha e à Itália, principalmente. Ainda outra afinidade entre Forjaz Trigueiros e Bigotte Chorão me ocorre, a qual, a bem dizer, não é mais do que a confirmação dos atributos académicos que comecei por apontar: Luís Trigueiros, a meio da vida, aí pelos anos 60 do século passado, confessava ter sido obrigado a atravessar três pontes em dois séculos: educação e cultura tinham-lhe chegado directamente do século XIX, que ele acreditava ter-se prolongado até à Grande Guerra de 1914-1918; depois, atravessara a ponte entre duas guerras; por fim, com as transformações sociais e as conquistas científicas após a Guerra de 1939-1945, entrara na terceira ponte e sofrera o que ele

chamava “o impacto de uma evolução vertiginosa”. Entendia, por isso, que, tendo recebido uma formação antiquada, se lhe exigira um esforço constante de auto-análise e de rectificação, e qualificava o seu percurso como o de um transeunte sempre forçado a corrigir juízos e a actualizar conceitos. Mas – e a sua confissão vale por um testamento – “adaptar-se a tudo sem deixar de ser igual a si próprio”.

Também João Bigotte Chorão teve de atravessar, não as três pontes de Luís Trigueiros mas as duas da geração seguinte, separadas uma da outra pela data histórica de 25 de Abril de 1974. Ora, precisamente no dia da revolução, Bigotte Chorão deixou escritas no seu Diário estas linhas que, à distância de quarenta anos, hoje nos parecem cortantes então:

Na queda da Monarquia ainda houve um Paiva Couceiro para desembainhar a espada em defesa do que não queria já ser defendido. Agora não apareceu ninguém para, num gesto simbólico, salvar a honra de um convento já sem frades e sem fé.

Pouco a pouco, passada a euforia anarquizante dos tempos da revolução “dura e pura”, a sociedade portuguesa escolheu, sem margem para dúvida, viver em democracia. Nesse ambiente desanuviado, pode João Bigotte Chorão dar a lume, sossegadamente (e sabe-se que o sossego da hora quase nunca é o sossego da mente), os volumes que justamente o celebrizaram como um dos grandes escritores contemporâneos.

Lembro que, antes de 1974, publicara João Bigotte Chorão apenas dois livros: *O Discípulo Nocturno* (1965) e *Aventura Interior* (1969), ambos editados em Coimbra, cidade em cuja universidade completou o curso de Direito e iniciou a sua actividade profissional como professor no ensino privado. Quando se deu a mudança do regime político português, já o autor iniciara em duas editoras (a Verbo e a Ulisseia) as suas funções de director literário, especializado na orientação de colecções prestigiadas – por exemplo, a colecção «Presenças», da Verbo, e a colecção “Sucessos literários”, da Ulisseia –, assim como, principalmente, na coordenação e redacção de enciclopédias de alto valor científico, nomeadamente a *Luso-Brasileira de Cultura*, a *Polis*, a *Logos* ou a *Biblos*.

Ao longo de trinta anos, esteve João Bigotte Chorão ao leme da redacção da editora fundada por Fernando Guedes e Sebastião Alves. À semelhança de um T.S. Eliot na inglesa Faber, ou de um Jean Paulhan na francesa Gallimard, pôde conciliar as actividades profissionais com a produção da sua própria obra: prosseguiu o seu *Diário*, acrescentando-lhe mais três volumes [*O Reino Dividido* (1969-1975), *Vozes no Deserto* (1976-1988) e *A Palavra e o Silêncio* (1989-1999)]; estudou com maestria as obras de Camilo, Araújo Correia e Tomaz de Figueiredo – autores de uma genealogia literária que diz muito ao seu próprio espírito – e deu a lume duas colectâneas de ensaios [*O Escritor na Cidade* (1986) e *Galeria de Retratos* (2000)], nos quais passeia serenamente por livros de autores portugueses, brasileiros, espanhóis, italianos, franceses e romenos. A atenção que tem prestado a alguns deles (como, entre os estrangeiros, Lúcio Cardoso, Unamuno, Papino, Montherlant ou Mircea Eliade) é de tal modo constante que, não apenas aí nas inúmeras páginas dos cinco volumes que formam o *Diário quase Completo* (2000) são um prolongamento dos laços fraternos estabelecidos com as obras de todos eles. É o próprio João Bigotte Chorão quem o confessa num passo desse *Diário*, justamente galardoado pela Sociedade Portuguesa de Escritores com o Grande Prémio de Literatura Biográfica:

Esta minha vocação para dialogar com homens de cultura, em contraste com a minha incapacidade (que será talvez indiferença) em frequentar homens políticos. Estabeleço pronto – e julgo que fecundo – diálogo com Jorge Uscatescu, outro romeno que, não sei por que secreta afinidade, encontro no meu caminho. Não terão Romenos e Portugueses o mesmo agudo sentimento do exílio, da precariedade da pátria, e a mesma vocação ecuménica, explicável nos primeiros pelo seu nascimento junto às fronteiras de dois mundos e nos segundos pela sua condição de finisterra? E, nuns e noutros, igual poder de assimilação e igual tendência para as línguas.

Com Uscatescu, falamos da Europa – nosso destino e nosso remorso –, da perda dos valores humanistas, da rebelião das minorias, da liberdade interior contra a tirania da História, da alegria da arte e da tristeza do poder. E, se nos entendemos no campo das ideias, também coincidimos no das admirações literárias...

E, foi, que assim é, saudamos em João Bigotte Chorão não apenas os valores do humanismo, aos quais todos chegámos pelo gosto da leitura, mas também o prazer insubstituível da admiração.

(SAUDAÇÃO AO RECIPIENDÁRIO PROFERIDA NA SESSÃO PLENÁRIA PÚBLICA
DE 30 OUTUBRO DE 2014)